



Debates sobre a homossexualidade reverberados na mídia: reflexões sobre a relação entre cultura e comunicação¹

Leidiane Vieira dos REIS²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Renomados pesquisadores da comunicação, tais como Martín-Barbero e Douglas Kellner, defendem que se considere de forma integrada mensagem, meio e receptor nos estudos da comunicação. Além disso, para esses autores, a cultura deve ser tomada como ponto de partida. Assim, eles defendem que as pesquisas se pautem pelas *mediações*. O presente artigo parte da perspectiva apresentada por esses autores, de maneira que a reflexão aqui proposta toma por base os parâmetros defendidos por eles. A relação entre mídia e cultura é trabalhada ao longo do texto com base em pontuações feitas sobre o aumento da inserção de temáticas relacionadas à homossexualidade na mídia brasileira atualmente. Percebe-se que os *media* têm sido palco de um debate discursivo, muitas vezes personificado na voz de sujeitos específicos, sobre o assunto.

PALAVRAS-CHAVE: mídia, homossexualidade, cultura, sociedade, comunicação.

Introdução

Os primeiros estudos norte-americanos do campo comunicação tinham caráter qualitativo e tendiam a considerar separadamente a mensagem e o receptor, dessa forma, a cultura não era levada em consideração nessas pesquisas. O objetivo era aperfeiçoar os resultados da comunicação, uma vez que se buscava torná-la mais eficiente, de maneira que ela apresentasse a menor quantidade de ruído possível. Nota-se que essas pesquisas tinham cunho mercadológico e político.

Alguns estudos partiam de demandas do Estado e outros dos grandes monopólios da área de comunicação de massas. A função dessa análise puramente matemática e qualitativa é: possibilitar a “transmissão de uma mensagem através de

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Mestranda do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, email: leidiane.vreis@gmail.com.



canais mecânicos, e o objetivo é medir a capacidade de informação passível de se transmitir por um canal evitando-se as distorções possíveis de ocorrer neste processo” (ARAÚJO, 2001, p. 122). Essas pesquisas norte-americanas em comunicação foram realizadas, entre os anos 1920 e 1960, principalmente dentro do campo de estudo *Mass Communication Research*. As três principais vertentes que existiam dentro desse campo eram: os grupos da Teoria Matemática da comunicação, a Corrente Funcionalista e a corrente voltada para o Estudo dos Efeitos da comunicação.

A Teoria Matemática serviu de suporte para as outras correntes de estudo que se desenvolveram dentro da *Mass Communication Research*, já a Teoria Funcionalista originou-se nos estudos de Lasswell e buscava responder às perguntas: Quem? Diz o quê? Em que canal? Para quem? Com que efeito? Os Estudos dos Efeitos, por sua vez, pautam-se na teoria comumente denominada “Teoria Hipodérmica”. Dentro dessa corrente os meios são vistos como onipotentes e os indivíduos como seres passivos.

A partir dos anos 60 as pesquisas em comunicação começam a considerar outros fatores além dos quantitativos. O sujeito deixa de ser tomado como um ser passivo perante os meios de comunicação e, aos poucos, passa-se a considerar os *media* como apenas uma das instituições de mediação social, dentre inúmeras outras que estão em movimento de interação. As pesquisas foram se aperfeiçoando até que em determinado momento os estudos da comunicação passam a abarcar investigações sobre a cultura. Dessa forma, essas investigações e reflexões começam a atuar dentro de uma complexidade maior, tendência essa que se intensifica na medida em que se vai percebendo a própria complexidade da comunicação humana.

Nota-se a partir dessa ampliação a necessidade de se considerar diversos fatores em conjunto dentro dos estudos da comunicação, uma vez que meio, mensagem, sujeito, cultura, dentre outras instâncias, se encontram em interação social constante. Devido a isso, para que as pesquisas sejam aperfeiçoadas, essa relação não pode ser ignorada. Como pontua Douglas Kellner, “a comunicação (...) é mediada pela cultura, é o modo pelo qual a cultura é disseminada, realizada e efetivada. Não há comunicação sem cultura e não há cultura sem comunicação” (2001, p. 53). Os estudos desenvolvidos a partir da perspectiva apresentada pelo autor tendem a pensar a cultura a partir da comunicação, como descreve Vera França, essa tendência “conduz os trabalhos de investigação para as mediações” (2006, p. 71).

Considerando a importância de se produzir estudos no campo da comunicação a partir dessa visão ampliada, esse trabalho procura justamente, a partir de conceitos



apresentados por autores como Douglas Kellner e Martin-Barbero, apresentar uma reflexão acerca de um assunto que tem ocupado com maior frequência a mídia nos dias atuais, a questão da homossexualidade. Parte-se do pressuposto de que esse fenômeno midiático reflete um debate discursivo que ocorre em outras mediações sociais, como a religiosa e a política e que tem encontrado espaço de manifestação na mídia. Os *media* estariam servindo assim como um local de um embate simbólico onde está em disputa filosofias morais diversas.

Essa tensão discursiva engendrada na mídia apresenta caráter personificado. As posições favoráveis e contrárias a ampliação do direito dos homossexuais têm sido defendidas por pessoas que atuam como porta-vozes dos dois principais grupos em que se divide a sociedade brasileira: aqueles que defendem que o conceito de família não deve ser alterado e aqueles que tentam ampliar essa definição. Nota-se assim uma negociação em torno do significado social atribuído a uma instituição. De um lado estão aqueles que apóiam a manutenção de *status quo* e de outro aqueles que lutam pela sua revisão.

Os principais “personagens” envolvidos nessa disputa discursiva representada na mídia são: Silas Malafaia, Jean Wyllys e Marco Feliciano. O objetivo desse trabalho é ilustrar, por meio da análise sobre o posicionamento que esses sujeitos buscam assumir dentro da mídia e sobre como eles têm influenciado outros movimentos sociais, a relação dialógica entre mídia e cultura. Trabalha-se assim a partir de uma perspectiva de estudo que considera fatores histórico-sociais e culturais ao se estudar a mídia, entende-se que essas instâncias estão interligadas e são dependentes umas das outras.

Sujeito moderno: um ser atravessado pela relativização das referências sociais

O final do século XX marca, na sociedade ocidental, a intensificação de um processo de afrouxamento em relação às grandes narrativas que visavam ordenar o mundo, ao menos em nível social, e fazer dele um espaço minimamente coeso. Assim, “o fim da modernidade é marcado pelo declínio das grandes narrativas e desaparecimento das finalidades últimas, pela quebra das certezas definitivas” (GUIMARÃES, FRANÇA, 2006, p. 94). Tal tendência pode ser percebida tanto em nível institucional quanto em relação às identidades que se constituem no espaço cultural. Essas mudanças foram influenciadas, em grande medida, pela perda de espaço sofrida por instituições legitimadoras de discursos acerca do sujeito tais como o Estado e a Igreja.



É preciso pontuar, entretanto, que essa afirmação não tem por objetivo insinuar que essas instituições tenham necessariamente se enfraquecido ou que estejam em vias de desaparecerem, o que ocorre é que muitas das instituições sociais, dentre as quais se encontra a mídia, estão passando por intenso processo de transformação. Parece haver, na verdade, um processo de descentralização institucional, caracterizado por uma maior diversificação de discursos disponibilizados às pessoas, ocasionando a elas maior mobilidade para vivenciarem seu próprio ser. Essa ocorrência pode ser exemplificada pelo enfraquecimento em relação à defesa do conceito de “estados nacionais”, e ao surgimento de inúmeras novas religiões.

Como pontua Stuart Hall, “as identidades nacionais (...) então sendo agora deslocadas pelo processo de globalização” (2006, p. 50). Faz-se relevante pontuar algumas considerações feitas pelo autor em relação à formação das identidades nacionais. Para o sociólogo, a identidade nacional se constitui apenas enquanto espaço discursivo uma vez que requisita a existência de uma homogeneização impossível de ser materializada nas práticas sociais de uma comunidade humana. O autor faz referência a Benedict Anderson (1983) ao defender que a identidade nacional é uma “comunidade imaginada” (HALL, 2006, p. 51).

Assim, a defesa de uma identidade nacional coesa funda-se no mito que cria a ilusão de uma homogeneidade inexistente. Um mito que acaba por aviltar as diferenças que constituem a base de qualquer país. Não há a menor possibilidade de que uma nação tão grande como o Brasil, por exemplo, seja representado por meio de uma imagem única e coerente. A própria identidade local é permeada por discrepâncias. A ideia de que seria possível traçar um perfil de uma nação ou de uma comunidade local revela-se, seguindo-se por essa via, como uma ilusão. Para Renato Ortiz, “memória nacional e identidade nacional são construções de segunda ordem que dissolvem a heterogeneidade da cultura popular na univocidade do discurso ideológico” (1985, p. 138).

De maneira que o conceito de identidade nacional pode ser nomeado como um discurso ideológico, assim, “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006 p. 50). Seguindo-se por essa via conclui-se que o discurso sobre a identidade nacional busca anular as desigualdades que constituem qualquer aglomeração humana, por menor que ela seja. Devido a isso, “as culturas nacionais contribuem para ‘costurar’ as diferenças numa única identidade” (HALL, 2006, p. 65). Dessa forma, “em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas,



deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade.” (HALL, 2006, p. 62)

No contexto da globalização a ideia de identidade nacional torna-se, assim, um tanto quanto inviável, como define Homi Bhabha, “os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas, a transmissão consensual ou contígua de tradições históricas (...) estão em profundo processo de redefinição” (1998, p. 24). As trocas culturais que estão ocorrendo em nível global, em decorrência do desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação, estão gerando sociedades cada vez mais híbridas. Como pontua Stuart Hall, “as nações modernas são, todas, híbridos culturais” (2006, p. 62).

Logicamente, existem características que podem ser tomadas como pontos centrais de uma comunidade humana, as quais constituem um pano de fundo comum de determinada sociedade. Porém, deduzir a partir disso que seria possível traçar um panorama geral da identidade de um povo configura-se uma prepotência infundada. A tentativa de se efetuar tal manobra surgiu no período de construção dos Estados Nacionais, quando os governos de diversos países procuravam criar uma forte imagem da própria identidade nacional. Como afirma Stuart Hall, “a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade” (2006, p. 50).

De forma que os Estados Nacionais tinham por meta criar uma imagem que os diferenciava perante as outras nações, cunhando assim, a figura de uma cultura particular que buscava aglutinar características que aparentemente permeariam todo o território nacional. Essa imagem seria o ponto que interligaria os cidadãos dentro de um mesmo espaço ilusório de identidade fixa. Os estudos atuais da comunicação, no entanto, demonstram, em sentido contrário a essa perspectiva, que a identidade do sujeito na pós-modernidade é fragmentada e fluida. Tal cenário é consequência de fenômenos que marcaram o fim da modernidade, tais como, o declínio das grandes narrativas e a desaparecimento das finalidades últimas (GUIMARÃES, FRANÇA, 2006, p. 94).

A ocorrência do declínio das grandes narrativas pontuada pelos autores pode ser percebida também no âmbito religioso. Como já dito, não se trabalha aqui com a ideia de que a religião estaria em declínio. Berger e Luckmann tecem críticas aos estudiosos que aliam o conceito de modernidade ao de secularização (2004, p. 47). Segundo os autores, a teoria da secularização aplica-se apenas a Europa Ocidental, eles justificam essa afirmativa recorrendo ao argumento de que “o chamado Terceiro Mundo estremece



literalmente sob o ímpeto dos movimentos religiosos” (2006, p. 48). Ainda de acordo com os autores, “pode-se observar no mundo inteiro o sucesso do protestantismo evangélico, cujo capítulo mais impressionante é o pentecostalismo” (2006, p. 48).

Percebe-se assim a ocorrência de um fenômeno social de pluralização de discursos religiosos. Se por um lado tem aumentado o número de pessoas que aderem ao movimento evangélico, por outro, não se pode negar que as religiões têm passado por um processo constante de desmembramento. De acordo com Berger e Luckman essa ocorrência seria um dos fatores que estaria acarretando um fenômeno que denominam como “crises de sentido na sociedade”. Segundo os autores, “talvez o fator mais importante no surgimento das crises de sentido na sociedade e na vida do indivíduo não seja o pretense secularismo moderno, mas o moderno pluralismo” (BERGER, LUCKMANN, 2004, p. 49).

Em decorrência dessa perda de referenciais objetivos, a diversidade, em suas mais variáveis formas de manifestação, tem conquistado maior espaço na sociedade ocidental. Entretanto, percebe-se que ocorre certa resistência por parte de algumas comunidades tradicionais em relação a essa tendência. Talvez a indagação sobre porque as comunidades humanas tiveram a necessidade de criar suas inúmeras instituições sociais constitua um dos caminhos a partir do qual seja possível entender algumas das causas dessa tensão existente entre comunidades sociais que defendem a livre expressão da diversidade e outras que defendem a preservação de valores morais nos quais elas se baseiam.

Na concepção de Berger e Luckmann, “as instituições foram criadas para aliviar o indivíduo da necessidade de reinventar o mundo cada dia e ter de se orientar dentro dele” (2004, p. 54). Dessa forma, as instituições se configuram enquanto uma das bases criadas pelo *homo sapiens* para a constituição de sentidos, isso porque, diferentemente dos animais, o homem enquanto um ser pensante tem necessidade de encontrar sentido no mundo que o cerca e em seu próprio mundo interior. Assim, os sujeitos buscam referenciais na sociedade onde se desenvolvem para dar sentido as suas próprias vidas. De maneira que a produção de sentido é feita a partir da coletividade. Seguindo-se por essa vertente pode-se inferir que o compartilhamento é imprescindível à produção de sentido sobre a existência humana.

Mas quando houve maior espaço para o compartilhamento de informações entre as pessoas senão nos dias atuais? Assim, ao invés de afirmar que o sentido da vida estaria sendo perdido, como querem alguns, talvez o mais correto seja dizer que novos



sentidos estão sendo forjados. Produz-se, por essa vertente, uma diversificação dos discursos sobre o estar humano consciente no mundo. Valores estão sendo relativizados nesses novos ambientes engendrados pela intensificação das interações sociais, bem como novos atores têm conquistando espaço na arena social legítima, a qual é constituída por meios como a política, a mídia, a universidade, dentre outros espaços.

Por entender-se a importância de se avaliar em que medida essas alterações em níveis culturais se refletem na mídia¹, entendendo-a enquanto espaço de confronto discursivo, o próximo tópico deste trabalho busca traçar uma visão panorâmica sobre embates políticos acerca da homossexualidade que têm agitado a arena midiática nos últimos tempos.

A mídia na atualidade: um espaço de disputa discursiva acerca da homossexualidade

O início do ano 2013 tem se caracterizado por uma intensificação da abordagem midiática no Brasil em relação a temáticas relacionadas aos direitos dos homossexuais. A eleição do deputado federal e pastor Marco Feliciano ao cargo de presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados é um dos principais fatores que pode ser considerado como causa dessa tendência. A polêmica em torno da eleição de Marcos Feliciano ao cargo gira em torno do fato de o pastor ser acusado de fazer declarações racistas e homofóbicas em seus sermões e em sites de relacionamento na internet, o que constituiria uma contradição em relação à função assumida por ele.

Em 2011, o deputado publicou declarações polêmicas em seu Twitter sobre africanos e homossexuais. "Sobre o continente africano repousa a maldição do paganismo, ocultismo, misérias, doenças oriundas de lá: ebola, Aids, fome... Etc", escreveu Marco Feliciano na ocasião. Ele também havia publicado na rede social que "a podridão dos sentimentos dos homoafetivos leva ao ódio, ao crime e à rejeição". Marco Feliciano passou a ser alvo de protestos logo que seu nome foi indicado ao cargo pelo PSC – Partido Social Cristão.

¹É importante ressaltar que se trabalha neste artigo com a perspectiva de que a mídia constitui em espaço de interações diversas, de maneira que ela tanto é influenciada pelo contexto sócio-histórico no qual se insere quanto exerce influencia sobre a sociedade. Ou seja, existe um movimento sincrônico entre as mais diversas vertentes que se inter-relacionam nos espaços das produções midiáticas.



O fato é que as discussões em torno das posições assumidas por Marco Feliciano colocou em pauta e questão da homossexualidade, por meio de diversas formas de abordagem, em inúmeros veículos midiáticos. É necessário pontuar, no entanto, que antes de despontar na mídia a polêmica em torno da eleição de Marcos Feliciano ao cargo de presidente da Comissão de Direitos Humanos, debates sobre a homofobia já vinham ocupando as pautas midiáticas com considerável recorrência. A mídia, em geral, já vem sendo palco de disputas discursivas em torno da questão devido ao Projeto de Lei da Câmara 122 de 2006 que propõe a criminalização dos preconceitos motivados pela orientação sexual e pela identidade de gênero.

Os debates em torno da PL122 são representados principalmente pela imagem de duas figuras públicas: o deputado federal Jean Wyllys, que se posiciona a favor da aprovação da lei e o pastor Silas Malafia, líder da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, que é contrário ao projeto. Jean Wyllys é o principal representante da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) dentro da Câmara. Já Silas Malafia se utiliza de um programa que apresenta em várias emissoras em rede nacional e em algumas emissoras de outros países, denominado *Vitória em Cristo*, para orientar seus telespectadores a se organizarem com o objetivo de tentarem impedir a aprovação da lei. O pastor chegou a criar um abaixo assinado na internet contra o projeto. O pastor alega que a PL-122 seria contra o artigo 5º da Constituição, porque o projeto de lei quer criminalizar a opinião, bem como a liberdade religiosa.

Em sentido contrário à interpretação do pastor, Jean Wyllys argumenta que o projeto de lei não atenta contra a liberdade de expressão de quem quer que seja; apenas assegura a dignidade da pessoa humana de homossexuais. Devido à atuação desses dois militantes em favor dos argumentos que defendem com relação à homossexualidade, eles têm aparecido, com relativa frequência, em diversos meios de comunicação. Entretanto, a disputa discursiva em torno da questão ficou ainda mais acirrada após o momento em que o pastor Marcos Feliciano assume a presidência da Comissão de Direitos Humanos. A polêmica levantada em torno do caso fez aumentar a cobertura midiática acerca de temáticas relacionadas à homossexualidade. Além disso, artistas começaram a expressar publicamente o posicionamento que assumem perante a questão.

Declarações feitas pela cantora Joelma, integrante da banda *Calypso*, em uma entrevista fornecida à revista *Época*, causou polêmica e foi destaque em outros veículos



mediáticos além da revista. Joelma se coloca contra o casamento homossexual ao afirmar: “Tenho muitos fãs gays, mas a Bíblia diz que o casamento gay não é correto e sou contra”. Acrescenta que, se tivesse um filho nessa situação, “lutaria até a morte para fazer sua conversão”. “Já vi muitos se regenerarem. Conheço muitas mães que sofrem por terem filhos gays. É como um drogado tentando se recuperar”.

A cantora Daniela Mercury também foi destaque na mídia devido à questão da homossexualidade. A artista assumiu publicamente o casamento com a jornalista baiana Malu Verçosa. Em relação a Marcos Feliciano, a cantora pontua em entrevista cedida à revista eletrônica da Rede Globo, *Fantástico*, na edição que foi ao ar no dia 07 de abril: "não foi por causa dele que eu fiz isso, mas fiquei muito feliz de acontecer essa minha necessidade pessoal num momento em que era necessário para o Brasil também. Que as pessoas tenham coragem de dizer quem elas são!".

Como pode ser percebido por meio dos exemplos apresentados, o alargamento da discussão acerca da homossexualidade na mídia brasileira tem sido feita principalmente a partir de discursos personificados. De forma que determinados sujeitos em específico têm travado uma luta discursiva em torno da questão. Ao exporem seus argumentos, essas pessoas assumem uma posição política perante a sociedade. De maneira que elas passam a reivindicar uma identidade perante o outro. Neste ponto torna-se pertinente questionar até que ponto seria possível ao sujeito determinar os limites de sua própria identidade. Tal questionamento conduz a indagação: não estariam essas pessoas exercendo o papel de “instituições discursivas”?

No momento em que a mídia oferece espaço para que essas discussões argumentativas aconteçam, ela pode contribuir para a constituição de um importante espaço democrático de debate. Partindo-se desse pressuposto, no próximo tópico faz-se uma análise sobre alguns dos papéis exercidos pela mídia na sociedade. As questões aqui levantadas acerca da homossexualidade fornecem evidências de que os *media* não somente exercem influência sobre o comportamento das pessoas, como também refletem as questões basilares que estão sendo debatidas a partir de outras instituições ou movimentos sociais.

A relação entre mídia e cultura a partir da perspectiva do estudo das mediações

Esse trabalho não tem por objetivo efetuar uma análise que se concentre em apenas um meio de comunicação em específico, mas apresentar uma reflexão, a partir



de pesquisadores que estudam a relação entre mídia e cultura, a partir de uma das principais disputas discursivas presentes nos meios de comunicação na atualidade. Entende-se que esses conflitos discursivos revelam certa alteração de referência que se configura na sociedade ocidental. De maneira que o conflito se dá em função do desentendimento entre aqueles que defendem a permanência em um estrato convencional de atribuição de significado em relação ao que conceituaria a definição de família e aqueles que lutam pela alteração desse conceito.

Sabe-se que a sociedade ocidental é amplamente influenciada pelo discurso defendido pelo cristianismo. Dessa forma, o conceito de família está atrelado ao livro adotado como referência para os cristãos: a Bíblia. Entende-se também que de acordo com o discurso presente nesse livro o termo família se refere especificamente à união entre um homem e uma mulher. Devido a isso, a disputa discursiva travada na mídia em relação à homossexualidade reflete a luta que se configura entre diferentes posicionamentos assumidos em relação à temática por parte de diversos grupos presentes na sociedade ocidental.

Neste sentido, procura-se trabalhar aqui um estudo integrado entre mídia e cultura, ou seja, um estudo que se volta para as mediações. Parte-se da visão de que a mídia representa apenas uma dentre as diversas instituições mediadoras de sentido na sociedade. Essas instituições estão em constante troca, de maneira que elas interagem discursivamente umas com as outras. Essa visão está em consonância com o ideal defendido por Martín-Barbero, segundo quem, “o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, (...) para a pluralidade de matrizes culturais” (1997, p. 258).

Assim, o argumento defendido nesse trabalho é o de que o crescimento da inserção de pautas na mídia que se referem a questões relacionadas aos direitos dos homossexuais revela não apenas uma mudança na postura assumida pelos *media* em relação ao assunto, uma vez que eles têm cedido maior espaço para a temática, mas que existe um embate social, referente à questão, travada entre diferentes movimentos sociais atuantes na atualidade, como o cristão e LGBT.

De maneira que o destaque principal é dado não aos meios, mas às mensagens veiculadas por eles, conteúdo que revela questões relacionadas ao contexto social em que elas estão inseridas. Como defende Lucia Santaella, “veículos são meros canais,



tecnologias que estariam esvaziadas de sentido não fossem as mensagens que nelas se configuram” (2003, p. 116).

Refletindo-se sobre a questão dos significados atribuídos à homossexualidade, por esse caminho, percebe-se que está em jogo na sociedade ocidental, como já pontuado, o significado atribuído ao conceito de família; trava-se assim um intenso debate em torno dessa definição. Os atores sociais que têm oportunidade de usufruírem do espaço midiático estão defendendo seus argumentos em favor das instituições sociais por eles representadas. Envolto neste embate encontram-se de um lado aqueles que defendem a preservação de uma ordem discursiva já estabelecida e de outro aqueles que buscam estabelecer uma nova ordem de interpretação acerca do tema em questão. Como define Douglas Kellner,

a cultura da mídia² é também um lugar onde se travam batalhas pelo controle da sociedade. Feministas e antifeministas, liberais e conservadores, radicais e defensores do *status quo*, todos lutam pelo poder cultural não só nos meios noticiosos e informativos, mas também no domínio do entretenimento (...). A mídia está intimamente vinculada ao poder e abre o estudo da cultura para as vicissitudes da política (2001, p. 54).

Assim, na medida em que esses embates políticos são travados, a sociedade dentro do qual eles acontecem vai alterando seus referenciais simbólicos. Como pontua Jorge Pedro Souza, “a realidade é socialmente construída, dia a dia, pelas práticas individuais e sociais, o que conduz a uma permanente redefinição e renegociação de regras, normas, significados e símbolos sociais” (2006, p. 226).

Por meio desse processo, o conhecimento armazenado pela sociedade ocidental vai sendo construído e modificado. O conceito de conhecimento utilizado aqui se refere a um conjunto de referenciais a partir dos quais as pessoas conseguem se localizar enquanto sujeitos no mundo social. Por meio desse conhecimento, torna-se possível produzir sentido sobre o mundo através de um movimento de interpretação que se baseia na cultura a qual se tem acesso.

²Douglas Kellner opta por utilizar o termo “cultura da mídia” ao invés de “cultura de massa”. O autor justifica sua escolha ao afirmar que a expressão “cultura da mídia” “derruba as barreiras artificiais entre os campos dos estudos de cultura, mídia e comunicação” (2001, p. 52).



Os autores Berger e Luckmann fazendo referência a Scheler afirmam que, “o conhecimento humano é dado na sociedade como um *a priori* à experiência individual, fornecendo a esta sua ordem de significação” (1995, p. 20). Dessa forma, existe um discurso social externo ao indivíduo que busca ordenar a realidade a fim de se produzir sentido sobre a vida humana. Os sociólogos pontuam ainda que, “está ordem, embora relativa a uma particular situação sócio-histórica, aparece ao indivíduo como um modo natural de conceber o mundo” (1995, p. 20). Ou seja, as pessoas aderem a discursos que fornecem certo sentido as suas vidas tomando-os como se eles fossem a própria realidade empírica ou a única forma de concepção do ser consciente no mundo. Por esse caminho elas procuram tornar suportável a dor de existir.

Considerações finais

Os assuntos que têm pautado a mídia com maior frequência revelam ideias que permeiam a sociedade, “burburinhos” que circulam pelo contexto social. Ao mesmo tempo em que realiza esse movimento, a mídia também contribui com o agendamento das temáticas debatidas no contexto social em que se insere. Ocorre, dessa forma, um movimento dialético entre mídia e cultura. Devido a isso, essas instâncias devem ser consideradas em conjunto. Tal consideração está em consonância com a teoria defendida por Martín-Barbero, que apresenta a seguinte colocação: “em vez de fazer a pesquisa partir da análise das lógicas de produção e recepção, para depois procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das *mediações*” (1997, p. 292).

As considerações feitas sobre o atual debate que tem se estabelecido na mídia sobre a questão da homossexualidade, demonstram como acontecimentos que ocorrem em outros campos institucionais da sociedade, como o da política, por exemplo, podem influenciar as pautas midiáticas. Em se tratando dessa temática, em específico, parece ter se estabelecido uma tendência por parte dos meios de comunicação em dar destaque a pautas que remetam ao assunto. Além disso, a eleição de Marco Feliciano ao cargo de presidente da comissão de direitos humanos influenciou uma série de outras figuras públicas a assumirem a posição que defendem perante a questão.

Parece ocorrer, assim, um “efeito cascata” que tem desencadeado uma série de coberturas por parte da mídia, ligadas a um mesmo debate. De maneira que os discursos ali defendidos, apesar de personificados, revelam ideias, de forma mais geral, que estão em conflito no contexto social contemporâneo brasileiro. Neste sentido, o debate não



acontece apenas na mídia, mas ele reverbera em outros espaços sociais. A comunicação é a instância que possibilita o processo de interação entre os diversos posicionamentos assumidos por diferentes movimentos ou instituições sociais. A partir desse movimento os conceitos vão sendo desconstruídos de reformulados.

Essa consideração vai ao encontro dos estudos de recepção que, ao invés de considerarem o receptor como um ser passivo, “buscam a inserção dos sujeitos em redes sociais e identificam um sujeito que resiste, negocia, dribla os propósitos do emissor e promove usos particulares e diferenciados dos produtos consumidos” (FRANÇA, 2006, p. 65). Conclui-se assim, que o receptor não está à mercê dos discursos que a mídia lhe oferece, mas existe sempre uma negociação e uma interferência de outras mediações sociais. O debate acerca de questões relacionadas á homossexualidade ilustram, com propriedade, o fato de que apesar de tender a buscar preservar o consenso social, a mídia também se constitui como um espaço de visibilidade para discussões que permeiam a sociedade em um dado momento histórico.

Como afirmam Berger e Luckmann, “apreendo a realidade da vida diária como uma realidade ordenada. Seus fenômenos acham-se previamente dispostos em padrões que parecem ser independentes da apreensão que deles tenho” (1995, p. 38). Porém, esses fenômenos não são independentes de tal apreensão feita a partir da sociabilidade, tal assertiva se confirma a partir do momento em que ocorre o rompimento discursivo acerca dessas concepções. Quando isso acontece não é a realidade empírica que muda, mas o sistema simbólico a partir do qual as ações sociais são interpretadas e encaixadas em quadros de sentido.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. *In Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). Petrópolis: Vozes: 2001.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2ª Ed. Editora UFRJ: Rio de Janeiro, 2001.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BERGER, Peter L, LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BERGER, Peter. L, LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.



FRANÇA, Vera. Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação. *In* FRANÇA, Vera e GUIMARÃES, César (Orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRANÇA, Vera e GUIMARÃES, César. Experimentando as narrativas do cotidiano. *In* FRANÇA, Vera e GUIMARÃES, César (Orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

ORTIZ, Renato. Estado, cultura popular e identidade nacional. *In*: **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Pulus, 2003.

SOUZA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. Disponível em: <http://bocc.unisinus.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf> Acesso em: 26/04/2013.

Sites

<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/03/marco-feliciano-e-eleito-presidente-da-comissao-de-direitos-humanos.html>. Acesso em 08/03/2013

http://www.vitoriaemcristo.org/_gutenweb/_site/hotsite/PL-122/ Acesso em 09/04/2013

<http://www.cartacapital.com.br/blogdoleandrofortes/hombridade/a-trincheira-de-jean-wyllys/>

Acesso em 09/04/2013

<http://colunas.revistaepoca.globo.com/brunoastuto/2013/03/30/joelma-compara-gays-a-drogados-e-diz-ser-contracasamento-homossexual/> Acesso em 09/04/2013

<http://f5.folha.uol.com.br/colunistas/renatokramer/1259007-sempre-fui-independente-no-meupensamento-declara-daniela-mercury.shtml> Acesso em 09/04/2013